

Leitura literária e o encantamento como orientadores para uma prática pedagógica significativa na Educação Infantil

Regiane Dias Rodrigues

Sou professora da Educação Infantil na rede pública de São Paulo e compartilho aqui dois relatos de vivências da turma mista de 2024, composta por 28 crianças com idades entre 4 e 5 anos. Posso afirmar que a leitura literária foi um disparador potente de conversas, investigações e experiências que ampliaram as possibilidades de trabalho com a turma.

Na minha escola, cada sala de referência conta com um acervo de livros. No entanto, costumo levar a turma à biblioteca em busca de uma maior bibliodiversidade, com livros de diferentes gêneros, autores e propostas estéticas. As escolhas são feitas tanto pelas crianças quanto por mim, sempre atenta às conversas, perguntas e curiosidades que surgem enquanto exploram os livros individualmente, em duplas ou em pequenos grupos, que se formam espontaneamente. “Abrir uma biblioteca para uma criança significa criar um ambiente onde a criança tenha a possibilidade de desenvolver um conhecimento, uma proximidade com o livro, como um objeto que tem suas próprias características” (Rizzoli, 2005, p. 14).

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Imagens 1 e 2 – Crianças em momentos de leitura



Fonte: arquivo pessoal da professora.

Os livros selecionados passam a compor o acervo de leitura da sala. Quando escolho um título para ler em voz alta, faço antes uma leitura individual e reflito sobre os temas, questões e investigações que aquele texto pode provocar. A partir disso, elaboro um planejamento flexível, que me permite acompanhar o movimento do grupo e as hipóteses das crianças.

Quero compartilhar uma prática que nasceu a partir da leitura do livro *A pior princesa do mundo*, de Anna Kemp, que narra a história de uma princesa que não se conforma com o destino tradicional de ser salva por um príncipe e transforma a narrativa ao tornar-se heroína montada em um dragão. A princípio, imaginei que a conversa com as crianças se daria em torno das questões de gênero, e que especialmente as meninas se sentiriam empoderadas. No entanto, o que chamou a atenção do grupo foi o dragão.

Logo surgiram muitas perguntas:

- Professora, dragão existe?
- Dragão voa?
- Cospe fogo?

Naquele momento, percebi que meu planejamento original não fazia mais sentido. Seria incoerente ignorar as hipóteses e a curiosidade genuína das crianças.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Tampouco caberia uma resposta simplista, como um "sim" ou "não". Diante disso, convidei a turma a pesquisar comigo — e assim fomos, juntos, em busca de respostas.

[...] Dependendo do modo como o encontro acontece, a continuidade vai se estruturando. É preciso interesse e sensibilidade para escutar o outro e configurar um grupo que construirá um percurso de vida coletivo. A intervenção do adulto se dá de forma indireta quando planeja experiências significativas que as crianças precisam vivenciar para que sua infância seja memorável (São Paulo, 2019, p.132).

Descobrimos o dragão-de-komodo. Lemos textos informativos sobre ele e ficamos impressionados com o fato de sua saliva conter bactérias venenosas. Fiz a impressão da foto do dragão-de-komodo, e, na mesma folha, registramos sua ficha técnica. Fui a escriba da turma, anotando tamanho, peso, alimentação e outras curiosidades; anexamos a folha na parede da sala de referência, e as crianças a visitavam com frequência. Esse processo nos levou também ao uso de instrumentos de medida, como a fita métrica e a balança. Medimos o peso e a altura das crianças, que, com o meu auxílio, registraram essas informações em seus cadernos, acompanhadas de desenhos de seus próprios corpos.

Ao longo da pesquisa, as evidências de aprendizagem apareciam de forma espontânea nas falas das crianças:

— "Cabem três Heitores dentro do dragão!" (Heitor media exatamente 1 metro, e o dragão pode chegar a 3 metros de comprimento.)

— "Então o dragão não cospe fogo, é a saliva que é venenosa!"

— "Ele come carne. A gente também!"

Nesse contexto, as crianças tiveram a oportunidade de explorar diferentes aspectos do conhecimento por meio de vivências significativas, como a pesquisa e a investigação, o contato com diferentes instrumentos de medição, como a balança e a fita métrica, a apropriação de noções de medidas de massa e comprimento, o reconhecimento e exploração do próprio corpo e a compreensão do uso social dos números em situações do cotidiano.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Imagens: 3, 4, 5 e 6 – Pesando e medindo as crianças



Fonte: arquivo pessoal da professora.

Esse percurso é um exemplo de como a escuta atenta e o respeito às perguntas das crianças podem transformar a prática pedagógica, tornando a aprendizagem mais significativa, conectada ao interesse do grupo e cheia de sentido para todos nós.

Outra prática significativa que merece ser compartilhada surgiu a partir do interesse das crianças pela coleção de livros “Dinossauro” de Paul Barret, encontrada na biblioteca da escola. Percebi que, em todas as visitas ao espaço, elas demonstravam grande entusiasmo ao folhear os livros em busca de imagens de dinossauros, mapas e curiosidades.

Imagem 7: Leitura livre



Fonte: arquivo pessoal da professora.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Diante desse interesse, decidimos levar a coleção para a sala de referência, deixando os livros à disposição para momentos de leitura livre. Observei que, espontaneamente, as crianças escolhiam esses livros em diferentes momentos do dia: logo na chegada à escola, após as brincadeiras ou ao final das atividades. Muitas vezes, elas me chamavam para compartilhar trechos que haviam descoberto, e assim iniciei a leitura de parágrafos selecionados por elas. Uma das leituras que mais despertou curiosidade foi sobre as teorias que explicam a extinção dos dinossauros.

O encantamento das crianças pelo mundo dos dinossauros foi se ampliando — mapas que ilustravam os *habitats*, ninhos construídos em rochas quentes, formas de vida e comportamentos das espécies passaram a ser temas constantes nas conversas e brincadeiras.

Dessa forma, convidei as crianças a construírem seu próprio "mundo dos dinossauros". Utilizamos argila e tinta guache para dar forma aos elementos desse universo. À medida que criavam os objetos de brincar, era possível observar evidências claras de aprendizagem: ovos posicionados sobre rochas, pedras, vulcões e riachos que serviriam de bebedouros.

Imagem 8: Criança lendo sobre ovos de dinossauros **Imagem 9:** Ovos de dinossauros confeccionados



Fonte: arquivo pessoal da professora

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

As crianças passaram a interagir com esses elementos nas brincadeiras. Os primeiros objetos se quebraram com facilidade, o que nos levou a reconstruí-los de forma mais resistente — dessa vez, com sucesso. Inspirada pelas construções de vulcões, propus uma experiência química com bicarbonato de sódio, anilina e vinagre, para simular a erupção vulcânica. A experiência encantou tanto as crianças que foi repetida até esgotarmos todos os materiais disponíveis.

Durante as brincadeiras, as narrativas infantis constantemente resgatavam informações dos livros. Um exemplo marcante foi o comentário de uma criança, quando outra perguntou sobre o cheiro forte do vinagre impregnado no vulcão de argila.

A resposta foi imediata: "*Claro que tem cheiro! Você esqueceu que os dinossauros morreram da lava e do cheiro?*" — fazendo uma associação espontânea com os gases liberados nas erupções vulcânicas.

Essa vivência integrada — que uniu leitura, brincadeira e experimentação — proporcionou às crianças um aprendizado significativo em diversas áreas do conhecimento, especialmente nos campos científico, geográfico e cartográfico. Ao longo das atividades, foi possível observar o prazer em pesquisar e o encantamento com a leitura, a descoberta dos continentes onde viviam os dinossauros, a exploração de mapas e diferentes topografias, o contato com teorias sobre a extinção dos dinossauros, a leitura e interpretação de fichas técnicas sobre os gigantes pré-históricos, a classificação dos dinossauros entre carnívoros e herbívoros e a vivência de conceitos matemáticos como medidas de comprimento (maior/menor) e de massa (leve/pesado).

Referências

SÃO PAULO - SME - COPED - *Currículo da Cidade* - Educação Infantil, 2019.

RIZZOLI, Maria Cristina. Leitura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs.). *Linguagens infantis: outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2005, p.5-22.